



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CAMPUS IV  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O CONFLITO DAS VOZES NO CORDEL: ENTRE A CRIMINALIZAÇÃO E  
A AFIRMAÇÃO DE LAMPÍÃO COMO HERÓI**

**LIVANILDO LIMEIRA DE FREITAS**

CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2014

**LIVANILDO LIMEIRA DE FREITAS**

**O CONFLITO DAS VOZES NO CORDEL: ENTRE A CRIMINALIZAÇÃO E  
A AFIRMAÇÃO DE LAMPÍÃO COMO HERÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. João Irineu de França Neto

CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F866c Freitas, Livanildo Limeira de

O conflito das vozes no cordel [manuscrito] : Entre a criminalização e a afirmação de Lampião como herói / Livanildo Limeira de Freitas. - 2014.

25 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. João Irineu de França Neto, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Cordel. 2. Lampião. 3. Personagem. 4. Herói. 5. Conflito  
I. Título.

21. ed. CDD 398.5

**LIVANILDO LIMEIRA DE FREITAS**

**O CONFLITO DAS VOZES NO CORDEL: ENTRE A CRIMINALIZAÇÃO E  
A AFIRMAÇÃO DE LAMPIÃO COMO HERÓI**

**BANCA EXAMINADORA**

*João Irineu de França Neto*

---

**Prof. Dr. João Irineu de França Neto**  
Orientador – UEPB/CAMPUS IV

*Marta L. Nunes*

---

**Profª M.Sc. Marta Lúcia Nunes**  
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

*Joana Emília Paulino de Araújo Costa*

---

**Prof. M.Sc. Joana Emília Paulino de Araújo Costa**  
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

APROVADO EM: 26 de Fevereiro de 2014.

"A literatura é a expressão da sociedade, assim como a  
palavra é a expressão do homem."

**Louis Bonald**

## **DEDICATÓRIA**

A Deus por tudo que me proporciona na vida.

À minha mãe e meu pai, os quais amo muito, pelo exemplo de vida e família.

A meus irmãos por tudo que me ajudaram até hoje.

À minha esposa Socorro, pelo carinho, compreensão e companheirismo.

A minha filha Yasmim pela alegria e diversão.

Ao Prof. Dr. João Irineu, pela dedicação, profissionalismo e presteza.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida, por iluminar e abençoar o meu coração, a minha mente e, os meus caminhos durante a minha trajetória.

Ao corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pelos ensinamentos transmitidos e, sobretudo, pela competência demonstrada.

Não poderia deixar de agradecer a meu orientador, João Irineu por toda sua dedicação, carisma e conhecimento transmitido, desde a escolha do tema até a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento de minha capacidade de reflexão crítica do mundo.

Ao meu pai Antonio, e minha mãe Socorro, pelo apoio e por tudo que sempre fizeram por mim, pela simplicidade, exemplo e carinho, fundamentais na construção do meu caráter. Aos meus irmãos, especialmente a Freitas, pela amizade, pelos momentos de descontração e companheirismo que contribuíram para a minha formação profissional.

A minha esposa, Socorro, pela dedicação, sempre me dando conselhos, força, coragem e incentivo. A minha querida filha Yasmim, que sempre me transmitiu alegrias, respeito e conhecimentos. Hoje a minha vitória também é dela.

Aos amigos e colegas, em especial, Karla Morgânia, Micael Lins, Patrícia, Maria José, Edinete, Poliana Alves e Michele Lima que de alguma forma ajudaram, agradeço por acreditarem no meu potencial, nas minhas idéias, nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

# **O CONFLITO DAS VOZES NO CORDEL: ENTRE A CRIMINALIZAÇÃO E A AFIRMAÇÃO DE LAMPÍÃO COMO HERÓI**

FREITAS, Livanildo Limeira de.  
Licenciando em Letras – UEPB/CAPUS IV  
FRANÇA NETO, João Irineu de.  
Prof. Dr. Orientador – UEPB/CAMPUS IV

## **RESUMO**

O presente trabalho realiza uma análise literária, tendo em vista a função comunicativa e social da literatura de cordel, enfatizando como os aspectos sociais influenciaram para a existência do conflito entre o personagem Lampião e o ambiente no qual se encontra inserido, sendo tal personagem representado ora como criminoso ora como herói. Nosso *corpus* é formado por cinco folhetos de cordel. O método que orientou nossa análise foi a Crítica Literária sociologicamente orientada, que foi descrita por Candido (2010). A base teórica do trabalho parte das descrições sobre o personagem e o herói, nos estudos de Brait (2006), Rosenfeld (2005), Gacho (2006 ) e Kothe (1985). Evidenciamos em nossa pesquisa um conflito das vozes nos folhetos de cordel, que constroem uma significação polarizada – ora representando Lampião como criminoso, ora como herói nos contextos sociais de opressão do Estado Brasileiro.

**Palavras-chaves:** Cordel. Lampião. Personagem. Herói. Conflito.



## **ABSTRACT**

This paper conducts a literary analysis, with a view to social and communicative function of musical literature, emphasizing how the social aspects influence the existence of the conflict between the Lampião character and the environment in which it is inserted, with such a character represented either as sometimes criminal as a hero. Our corpus consists of five leaflets twine. The method that guided our analysis was the Literary Criticism sociologically oriented, which was described by Candido (2010). The theoretical basis of the work part of the descriptions of the character and the hero, in studies of Brait (2006), Rosenfeld (2005), Gacho (2006) and Kothe (1985). Evidenced in our research a conflict of voices in the brochures twine, building a polarized meaning - sometimes representing Lampião as a criminal, now a hero in the social contexts of oppression of the Brazilian State.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. O CORDEL: DEFINIÇÕES E PERCURSO HISTÓRICO</b>	<b>10</b>
1.1 A chegada do cordel ao Brasil	11
1.2 A função social do Cordel	13
<b>2. A PERSONAGEM</b>	<b>14</b>
2.1 O Herói	16
2.2 Literatura e Sociedade: uma questão de método	17
<b>3. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA</b>	<b>18</b>
<b>4. LAMPIÃO COMO HERÓI</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>25</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Muito se tem estudado sobre o cordel em vários campos das ciências humanas e da literatura de modo particular. Dentre esses estudos, enfatiza-se o uso da literatura de cordel na sala de aula, como recurso didático para o ensino de leitura. Entretanto, nosso foco de pesquisa consiste na construção literária do personagem Lampião nos folhetos de cordel. Dessa forma, trataremos também de enfatizar sobre a motivação conflitiva em que o indivíduo é posto dentro do contexto social e cultural, no qual o personagem encontra-se inserido.

Dentro desse contexto, buscamos examinar quais as contribuições que a literatura de cordel tem proporcionado para o enriquecimento da cultura popular, bem como para a emancipação pessoal e/ou social, enfatizando sobre o prestígio da literatura de cordel como ferramenta de socialização do conhecimento. Por outro lado, podemos observar no estudo da literatura de cordel, a forte representação do herói como instrumento de luta, de coragem e principalmente o acentuado caráter de denúncia social.

O presente artigo está dividido da seguinte forma: Primeiro, refere-se ao campo conceitual que trata sobre as definições e o percurso histórico da literatura de cordel, sua chegada ao Brasil e sua função social. Apresentamos também, a personagem e o herói, fundamentados nas descrições teóricas de Brait (2006), Rosenfeld (2005), Gancho (2006) e Kothe (1985). Do ponto de vista metodológico, adotamos o Método da Crítica Literária sociologicamente orientada, discutido por Antônio Candido (2010). Quanto à delimitação do *corpus*, de 10 (dez) folhetos consultados, selecionamos para análise 05 (cinco) folhetos, que tratam da temática do personagem Lampião enquanto herói. Analisamos esses folhetos, pela segmentação de elementos estéticos que vão constituindo a composição dos versos dessa forma de produção poética

## 1 O CORDEL: DEFINIÇÕES E PERCURSO HISTÓRICO

A literatura de cordel é expressivamente uma das áreas de análise literária mais deslumbrante e fecunda, pois a mesma retrata de forma popular e humorística, as histórias e os acontecimentos vivenciados por uma sociedade.

Segundo Galvão, (2001, p.31):

As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas. Reproduzindo histórias, inventando casos, improvisos, repentis, desafios e pejejas entre cantadas.

Presume-se que a literatura de Cordel tenha sua origem nos escritos luso-espanhóis da idade média e do renascimento, com os romanceiros e trovadores, que saiam de feudo em feudo cantando suas poesias e recitando versos. Entende-se que esse estilo literário, cantado nas feiras, fazendas e nas rodas de amigos, foi expressamente utilizado como meio de comunicação popular, ou seja, uma espécie de jornal do povo, feito pelo povo, como podemos observar nos versos abaixo:

O cordel foi o jornal  
Do povo de antigamente,  
De tudo o que se passava  
Escreviam no repente  
Andava de feira em feira  
Em cidade diferente.  
(CRUZ, 2003, p.4)

É, portanto, a reprodução dos acontecimentos históricos, que vivenciados por um grupo de indivíduos, são retransmitidos para os demais membros de uma comunidade, a partir de aspectos populares que podem ser representados através da arte. Desta feita, foram os cordelistas os grandes responsáveis pela informação e diversão da população rural nordestina, que na ausência de um meio de comunicação de massa, encontrou nos folhetos de cordel, o mediador para se chegar a um grande projeto de comunicação popular. A partir das afirmações antepostas sobre esse estilo literário, podemos perceber que, a

Literatura de Cordel  
É poesia popular,  
É história contada em versos  
Em estrofes a rimar,  
Escrita em papel comum  
Feita pra ler ou cantar.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Disponível em: <[http://www.projetocordel.com.br/o\\_que\\_e\\_cordel.htm](http://www.projetocordel.com.br/o_que_e_cordel.htm)> acesso em: 19/02/13.

Dentro dessa afirmativa, a literatura de Cordel assume o papel de expressão cultural do povo nordestino, de seus pensamentos e desejos, retratados por meio de folhetos que abordam através de desafios, repentes e pelepas, a história, a cultura e o modo de viver de uma sociedade. Sabemos ainda, que

Os folhetos de cordel  
 Nas feiras eram vendidos  
 Pendurados num cordão  
 Falando do acontecido,  
 De amor, luta e mistério,  
 De fé e do desassistido<sup>2</sup>

Percebe-se na afirmação, a presença do modelo de cordéis oriundos de Portugal, sendo os mesmos devidamente “expostos para venda, nas ruas, mercados e praças, pendurados em barbante” (corda ou cordões), justificando a origem desse estilo literário conforme atesta Pinheiro e Lúcio, (2001, p.13). No entanto, vale ressaltar, que o modelo de cordel trazido pelos colonizadores europeus, após sua entrada no Brasil, adquire um novo conceito em suas produções, sendo denominado de folhetos e/ou panfletos. Neste sentido, o termo cordel em nosso país se propagou a tal ponto dos próprios poetas se afirmarem cordelistas.

### **1.1 A chegada do cordel ao Brasil**

Segundo alguns estudiosos, a literatura de Cordel chegou ao Brasil em forma manuscrita, no século XVIII, trazida pelos colonizadores europeus, tendo o nordeste como precursor em divulgação desse estilo literário, inserindo-o na cultura brasileira. Entretanto,

Quando chegou ao Brasil  
 O cordel se transformou  
 Aqui ganhou vez e voz  
 E logo se emancipou  
 No Nordeste ele nasceu  
 E foi onde se criou  
 (Cruz, 2003, p.1)

---

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://cordelonline.com.br/>> acesso em: 18/02/13.

No entanto, somente em fins do século XIX, com a chegada de pequenas tipografias, a literatura de cordel adquire ímpeto de estabilidade na região Nordeste do Brasil, onde passa a exercer de forma simples e popular, a posição de voz do povo, e ainda, de cultura regional.

Diante dessas afirmações, podemos encontrar no relato do poeta Cruz, (2003, p.1) a seguinte justificativa:

Foi no século dezenove  
 Bem pertinho do seu fim  
 Que resolveram escrever  
 O que cantavam e assim  
 O que antes era música  
 Virou também folhetim

Inicialmente transmitida de forma oral e depois impresso em folhetos e/ou panfletos, o Cordel no transcorrer dos tempos, a partir de sua chegada ao Brasil, contribuiu expressivamente para a veracidade e reconhecimento das manifestações sociais e artísticas do nordeste brasileiro. Nesse sentido, podemos encontrar ainda, na literatura de cordel, histórias de conquistas e de luta contra a discriminação social.

Sendo assim, de acordo com as indagações de Mark Curran (2003, p.41), “para se estudar o cordel, é importante conhecer um pouco do cenário onde ele nasceu. A região nordestina brasileira enfrentava, naquela época, um grave problema social, resultante do fim da escravidão”.

Nesse período, segundo o estudioso predominava em nosso país uma população extremamente rural, onde a comunicação era essencialmente dificultada pela grande distância existente entre os povoados. Em razão disso, houve o favorecimento para o despontar dessa comunicação literária, que conseguia ser extremamente eficaz na informação, apesar da existência de diferenças socioeconômicas, culturais e linguísticas de cada região.

Dessa forma, a existência de fatos econômico-sociais, tornou-se indispensável para se chegar a um melhor entendimento sobre o cordel, pois notavelmente alguns dos poetas cordelianos nordestinos, desta feita, os mais antigos, vivenciaram dia a dia as graves e comoventes transformações sociais da época. Desse modo, os poetas cordelianos tinham em suas mãos o conhecimento da realidade, dispondo-se, portanto, de argumentos necessários para a construção comunicativa e reflexiva da literatura de cordel. Dentre os poetas mais antigos, aqueles que vivenciaram de perto os contrastes sociais da época, podemos destacar “o paraibano Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918, PB) reconhecidamente como o maior escritor do cordel antigo” no nordeste brasileiro (CURRAN, 2003, p. 43). Sabemos também, que o poeta foi o responsável pela criação de mais de 600 obras rimadas, publicadas em

milhares e milhares de edições, como podemos observar nos versos de *João Martins de Athayde*.

Poeta como Leandro  
 Inda o Brasil não criou  
 Por ser um dos escritores  
 Que mais livros registrou  
 Canções não se sabe quantas  
 Foram seiscentas e tantas  
 As obras que publicou<sup>3</sup>

Diante do exposto, podemos perceber claramente, o importante papel do poeta Leandro Gomes de Barros no tocante ao reconhecimento da literatura de cordel em nosso país, visto que, a partir de suas obras os caminhos foram abertos para a divulgação desse estilo literário em todas as regiões do Brasil. A partir de então, os poetas cordelistas têm proporcionado a divulgação desses textos a um público cada vez maior, tornando esta área de conhecimento extremamente fecunda para pesquisas e investigação científica.

## 1.2 A função social do Cordel

Considerada uma área bastante enfática no estudo da literatura, o “cordel ao longo de sua história tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações, de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade” (PINHEIRO E LÚCIO, 2001, p.56). Desta feita, a literatura de cordel assume o papel de representante dos excluídos, dos injustiçados e oprimidos pela classe dominante, ou seja, pela oligarquia.

A literatura de cordel torna-se, portanto, uma forte aliada do povo sertanejo, pois revela seus ensejos e suas lutas, trazendo em seu poder um enorme e variado ciclo temático, dando ênfase aos feitos dos cangaceiros, devidamente ligados à reivindicação social e política. Foi a partir do encontro desse estilo literário com o cangaço nordestino, que houve o despontamento do caminho a ser adotado por vários poetas populares da época. Dessa forma, Mark Curran (2003, p.64) afirma que:

A literatura de cordel é o melhor documento, no Brasil, para se descobrir como ocorreu esse fenômeno. Nela se vêem a história, o processo folclórico de criação do mito a partir da realidade e alguns dos melhores versos de criação popular dos vates rústicos do Nordeste.

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://cordelonline.com.br/>> acesso em: 18/02/13.

Diante do exposto, podemos perceber que a literatura de cordel conquistou o seu lugar de destaque no cenário nacional, pois revela a seus leitores os acontecimentos sociais e culturais de uma comunidade, a partir de temas geradores de impacto, e de reflexão crítica da realidade. Por esse motivo, a temática do cangaço, foi extremamente abordada nas páginas de cordéis pelos poetas do nordeste brasileiro, que através de suas composições populares abordavam as histórias dos heróis, como também a formação literária do personagem.

Entretanto, podemos destacar dentro desse ciclo temático social nordestino, Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), o mais famoso e temido de todos os cangaceiros, e ainda, a personagem mais abordada nas narrativas ficcionais da literatura de cordel. De acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p.77):

Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (...), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora a posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum com suas fraquezas e incertezas.

Assim, com a existência de ações conflitantes, motivadas a partir de problemas culturais, econômicos e sociais, transfigurou-se em termos definitivos para se chegar a uma identidade literária, a partir do conhecimento que se tem da personagem dentro do estudo da literatura.

## **2. A PERSONAGEM**

De acordo com Gancho (2006, p.18), “o Personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal, se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala”. Dessa forma, podemos perceber que a personagem na obra literária é determinada a partir da atuação e do conhecimento que temos dela, e o conhecimento que temos dela é transmitido por meio de um narrador. Com efeito, podemos dizer que o texto torna-se o espaço onde a personagem conquista a sua existência, a partir de elementos trazidos da realidade que se fundamentam no conhecimento social da obra, tornando-se assim, representação da realidade.

Diante desta afirmativa, Brait (2006, p.06) aponta sobre “a necessidade de tornar claro o termo texto, visto que o mesmo pode se manifestar a partir de dois aspectos distintos: a ficção literária, a prosa de ficção que concretiza a existência desse seres, e o texto crítico que, com objetos exclusivos, vai de encontro à existência desses seres”. Neste aspecto, podemos dizer que o autor explicitamente apresenta à ficção como sendo o lugar onde a



personagem adquire a sua realidade, visto que, a personagem não existe fora das palavras. De um modo geral, como se pode observar, a ficção torna-se o espaço onde o ser humano adquire a possibilidade de viver e admirar através das diferentes personagens, a situação por ela vivenciada.

Brait também ressalta, que os leitores mais pueris, ainda fazem certas confusões em relação a personagens e pessoas ao ler uma obra, acreditando que as personagens fazem parte da vida real. A partir desse pressuposto de relação entre personagens e pessoas, Gancho (2006, p. 17), nos apresenta a seguinte afirmação: “Por mais real que pareça, a personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinadas personagens são baseadas em pessoas reais ou em elementos da personalidade de determinado indivíduo.”

De acordo com a afirmativa acima, compreendemos que a autora apresenta a personagem como sendo o produto de um mundo imaginário e que, a partir da constatação real do indivíduo, pelas mãos do poeta ele se transforma em personagem ficcional, conforme características particulares da ficção. Diante disso, Rosenfeld (2005, p.23) afirma que, “é geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária”.

Nessa perspectiva de formação imaginária da personagem, entendemos a literatura de cordel como uma ficção, pois a mesma revela o caráter artístico de criação do personagem fundamentado na imaginação, mesmo se idealizada a partir de informações verídicas. Em suas reflexões sobre a verdade histórica e a liberdade de invenção, Curran (2003, p. 31) afirma que:

É precisamente dessa associação entre fatos históricos e liberdade de invenção que o poeta obtém a flexibilidade da narração e a oportunidade de criar arte com seus próprios talentos. Esta é, pois, uma segunda característica da crônica cordeliana: a mistura de fato e ficção.

A partir de aspectos abordados no texto sobre a concepção de personagem na obra literária, podemos destacar que as personagens históricas e/ou referenciais também passam pelo crivo do mundo imaginário da arte, tornando-se, portanto, figuras fictícias pelas mãos do poeta. Dessa forma, vale ressaltar que Brait (2006, p. 45) em suas abordagens sobre as personagens referenciais, define as mesmas como sendo:

(...) aquelas que remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamadas de personagens históricas. Essa espécie de personagem está imobilizada por uma cultura, e sua apreensão e reconhecimento depende do grau de participação do leitor nessa cultura.

É possível observar nesse trecho, que a autora faz indagações sobre a importância da participação do leitor para se chegar ao reconhecimento das personalidades históricas e/ou personagens referenciais, tais quais, encontram-se paralisadas por uma cultura. Por outro lado, como se pode observar, o leitor tem em suas mãos a possibilidade de tornar perceptível a existência de tais personagens e, assim, contribuir para que as mesmas sejam reconhecidas diante à sociedade.

Para tanto, o indivíduo deve realizar uma leitura atenciosa das histórias que estes personagens motivam e, desperte nas pessoas, a importância de se conhecer um pouco mais sobre nossa sociedade, nossa cultura, nossa história e nossos heróis.

## 2.1 O herói

Adotamos a concepção de herói como personagem protagonista da narrativa, de acordo com Gancho (2006, p.18) que conceitua tal personagem como sendo “alguém superior aos demais de seu grupo social”. Dito isso, percebe-se claramente na indagação da autora que, a liderança torna-se o caminho a ser percorrido pelo indivíduo para se chegar à designação de personagem principal do enredo e, sucessivamente ao seu reconhecimento como herói. Ao tratar a concepção do herói, na obra “O herói” Kothe (1985, p.07) afirma que:

As narrativas são sistemas cujas dominantes geralmente têm sido algum tipo de herói. Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema.

No tocante às observações expostas, podemos perceber claramente que o autor faz indagações acerca do herói e o domínio exercido pelo mesmo dentro de uma narrativa, ou seja, dentro das obras literárias. Pelo exposto, torna-se compreensível para o leitor que as obras literárias assumem o papel de representantes da sociedade, criada a partir de elementos trazidos de histórias e acontecimentos vivenciados ou não pelo indivíduo. Desse modo, podemos dizer que o herói pode ser construído esteticamente como consequências da imaginação de diferentes gerações a partir do conhecimento que se tem sobre a vida social ou ainda sobre as ações realizadas pelo indivíduo em sociedade.

De acordo com as indagações de Kothe (1985, p. 08), “rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras”. Nesse sentido, podemos observar no discurso do autor que a trajetória do herói encontra-se

intimamente ligada ao curso da história das sociedades humanas, que a literatura de um modo geral representa artisticamente.

## **2.2 Literatura e Sociedade: uma questão de método**

Literatura e sociedade encontram-se intimamente relacionadas, pois a arte absorve e exprime as situações do contexto onde foi criada, e está passível às variedades ou transformações nele ocorrida. Portanto, é importante que o crítico ao fazer uma análise da obra literária, tenha em vista o seu objeto estético, não como estudo ou imagem da realidade, mas como recriação das diversas realidades sociais.

Nesse sentido, se faz necessário que ao analisarmos uma obra tenhamos em mente até que ponto os aspectos históricos e sociais tornam-se componentes internos do texto literário, como propõe Candido ao afirmar que: “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2010, p. 41).

Dessa forma, podemos perceber que Candido discorre sobre a relevância da interpretação social da obra, desde que, não invalide o sentido estético, ou seja, o externo não deve predominar sobre o interno, neste caso, a obra literária. Afinal, o externo, que é o social, não é a causa, mas elemento que desempenha uma função estética na estrutura interna.

Entretanto, é possível compreender no discurso do autor, uma posição dialética em relação à obra de arte e seu contexto social, tendo em vista a afirmação de que a vida social não deve estar separada da obra. Assim, torna-se compreensível para o leitor, que a obra não pode apenas se reduzir à realidade externa (elemento social), uma vez que a absorve como elemento de construção artística, onde o externo torna-se interno.

Neste ponto, de acordo com as reflexões de Candido (2010, p. 14), “o fator social determina a matéria, que são o ambiente, os costumes, os traços grupais e ideias, que servem de veículo para conduzir a corrente criadora, como elemento que constitui o essencial da obra como obra de arte”. Nesse sentido, podemos entender que o personagem Lampião assim como o Cangaço consistem em elementos externos à obra, tendo em vista que tais elementos são os aspectos históricos e sociais que se materializam no texto poético do cordel.

### 3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

Adotamos como critérios de seleção dos folhetos de cordel a serem analisados os seguintes procedimentos: a princípio, realizamos uma leitura de 10 (dez) folhetos onde Lampião aparece como personagem protagonista; selecionamos 05 (cinco) folhetos para a análise, tendo em vista a temática do herói, que se constituiu como a categoria de análise de nosso estudo. Os títulos dos folhetos selecionados são: *A chegada de Lampião no céu, 1997 e no inferno, 2003*, de José Pacheco; *Lampião... era o cavalo do tempo atrás da besta da vida, 2006*, de Manoel Monteiro; *Lampião e Padre Cícero num debate inteligente*, de Moreira de Acopiara e *Lampião, o Capitão do cangaço, 2007*, de Gonçalo Ferreira da Silva.

Em seguida, realizamos, através de uma leitura mais detalhadas dos folhetos o mapeamento das pistas textuais, (versos, estrofes, imagens poéticas e diálogos com os personagens), com o intuito de se observar os elementos constitutivos da obra que retratam os feitos de Lampião como herói, nas narrativas dos poetas populares. Tais elementos mapeados foram devidamente fichados, e posteriormente analisados servindo como fundamentos básicos para se chegar à construção literária de Lampião como herói. O conhecimento de tais elementos e pistas textuais foi de fundamental importância para a realização do método proposto.

### 4 LAMPIÃO COMO HERÓI

Analisamos nas estrofes dos folhetos que constituem nosso *corpus* de pesquisa a representação do personagem Lampião como herói na literatura de Cordel, visto que o mesmo encontra-se intimamente relacionado ao ponto de vista popular, que cristaliza a forma de pensar e de atuar do povo nordestino ante a sociedade e aos problemas sociais por ela vivenciados. Observemos os versos abaixo:

Ao ver Pedro transformado  
Levantou-se e foi dizendo  
Sou um homem injustiçado  
E por isso estou sofrendo  
Circula em torno de mim  
Somente o lado ruim  
Como herói não estão me vendo.

**(A chegada de Lampião no Céu, 1997, p.07)**

Percebe-se nesta narrativa que o personagem Lampião reivindica para si o reconhecimento diante da sociedade, do direito de ser visto como herói. Nesse sentido, fica evidente no discurso do personagem uma autoafirmação de sua imagem como herói, opondo-se à visão da sociedade dominante que o enxerga como um criminoso (“*lado ruim*”, verso VI). O personagem sente-se vitimado por um sistema que aprisiona a classe menos favorecida na qual ele está situado, conforme podemos observar nos versos III e IV na narrativa acima relacionada.

Sou Capitão Virgulino  
 Guerrilheiro do sertão  
 Defendi o Nordeste  
 Da mais terrível aflição  
 Por culpa duma polícia  
 Que promovia malícia  
 Exorquindo o cidadão

**(A chegada de Lampião no céu, 1997, p.08)**

Diante dessa afirmativa, percebe-se claramente mais uma vez, o questionamento do sistema dominante pelo personagem da narrativa, visto que, o mesmo denuncia a violência sofrida pelo povo nordestino, vítimas de um poder opressor que obtinha vantagens sobre o indivíduo por força da violência. Lampião, neste sentido, sai do espaço da marginalidade para se tornar (“*capitão*”, verso I), homem da “*lei*” defensor de um povo, reforçando assim, sua autoafirmação como herói. Por outro lado, podemos perceber nos versos abaixo que o personagem Lampião é visto por outra esfera da sociedade como sendo um indivíduo inescrupuloso e desumano, ou seja, uma mancha na história do nosso povo.

Lampião é um bandido  
 Ladrão da humanidade  
 Vem é desmoralizar  
 A minha propriedade  
 E eu não vou procurar  
 Sarna pra me coçar  
 Sem haver necessidade.

**(A chegada de Lampião no inferno, 2003, p.03)**

Como se observa na estrofe acima, o personagem Lampião é visto como malfeitor dentro de um espaço profano, nesse caso o inferno, espaço este associado metaforicamente a uma fazenda, a um comércio (“*minha propriedade*”, verso IV). Nota-se, portanto na fala do narrador a presença marcante do poder dominante, que decide, exclui e julga o comportamento do indivíduo, como podemos perceber nos versos I e II, onde foram aplicados os termos: (“*bandido e ladrão*”) explicitamente utilizados por representantes do governo e

coronéis, para se referir a Virgulino Ferreira, que nas andanças pelo sertão nordestino, desafiava o poder dos grandes proprietários de terra.

Do ponto de vista da narração, é a partir do conflito entre o desejo de vingança e a perda da liberdade que o personagem protagonista entra em confronto consigo mesmo e com o meio que o cerca ao deparar-se com as injustiças e os problemas sociais. A insatisfação do personagem pode ser constatada na estrofe abaixo:

Não tive pátria nem lar  
Fui eterno caminhante,  
Exposto a sol e a chuva  
Buscando um sonho distante,  
Andando sem direção  
Igual um judeu errante.

**(Lampião e Padre Cícero num debate inteligente, 2004, estrofe XXVII)**

É perceptível no discurso do personagem da narrativa, a presença marcante do clamor, do abandono e do descontentamento em virtude dos acontecimentos vivenciados por ele, e ainda, por milhares de nordestinos, vítimas de um poder dominante e cruel. O protagonista, nesse sentido, sente-se como um estrangeiro dentro de sua própria nação, quando ele diz: (“*Não tive pátria nem lar*”, verso I). Jogado ao relento, resta-lhe apenas a coragem para lutar e a busca pela restituição dos sonhos até então perdidos, como podemos observar no verso IV.

Percebe-se também nos versos acima, a presença de um ambiente excludente e desolador, onde o personagem protagonista depara-se com momentos conflitantes e geradores de impactos (“*exposto a sol e a chuva*”, verso III) revelando, assim, as péssimas condições de vida onde ele estava inserido. O olhar crítico dos versos subsequentes permite-nos entender a situação social vivenciada pelo protagonista do folheto, no qual os fatos narrados descrevem alguns dos seus sofrimentos e lamentações.

E o fracasso começou  
Na vida de Lampião  
(Ou virgulino Ferreira)  
Depois de grande questão,  
Num tempo em que a impunidade  
Imperava no sertão.

---

No sertão naquele tempo  
 Reinava a lei do mais forte  
 E pra Lampião sobrou  
 O cangaço como esporte,  
 Mas precocemente viu  
 As garras cruéis da morte.

**(Lampião e Padre Cícero num debate inteligente, 2004, estrofe XX)**

Por um cruel fazendeiro  
 Foi meu pai assassinado  
 Tomaram dele o dinheiro  
 De duro serviço honrado  
 Ao vingar a sua morte  
 O destino em má sorte  
 Da “lei” me fez um soldado

**(A chegada de Lampião no Céu, 1997, p.08).**

Diante do exposto acima, percebe-se mais uma vez, a presença marcante da oposição entre o ambiente da narrativa e seu protagonista, gerando assim o conflito que surge a partir da injustiça sofrida por este personagem e demais membros de sua família. Como se pode observar é a partir da morte do pai do protagonista (Lampião) que surge a rivalização e o desejo de vingança contra os opressores, ou seja, os detentores do poder. A presença do poder da burguesia agrária está representada em expressões como: “*lei dos mais fortes*” (estrofe II, verso II) e “*cruel fazendeiro*” (estrofe III, verso I), revelando o embate existente entre a classe dominante e o herói do enredo - Lampião.

É importante observar que o cangaceiro manifesta-se no enredo como autoridade (“*um soldado*” - estrofe III, verso VII), homem de justiça, defensor dos indefesos, contrariando o indivíduo tirano, corrupto e mal-intencionado. O protagonista, num tom de ironia ao poder dos grandes fazendeiros se autodefine como representante dos injustiçados, ou seja, aquele que defende o bem dos artificios do mal. O item lexical “*lei*” encontra-se entre aspas no último verso da estrofe VII, o que leva-nos a depreender a significação contrária à lei vigente, à ordem estabelecida. Ou seja, o protagonista, motivado pelo destino cria seu próprio código legal de punição, que diverge dos códigos institucionais.

A ideia de que Lampião entrou no cangaço devido à morte de seu pai, a quem não concedera justiça é confirmado pelo personagem narrador na estrofe abaixo:

Por rixa de pouca monta  
 Seu pai foi assassinado  
 Para punir-se o culpado  
 Esperou tempo sem conta  
 Considerando uma fronta  
 A lei da impunidade  
 Justiça pela metade  
 Ou só pra quem tem dinheiro  
 Fez Lampião cangaceiro  
 Mas não por sua vontade.

**(Lampião:...era o cavalo do tempo atrás da besta da vida, p. 04)**

Nota-se, portanto, no ponto de vista da narração, a existência do conflito entre o personagem protagonista e o meio onde o mesmo encontra-se inserido. O conflito, nesse sentido, surge a partir da morte de José Ferreira (Pai de Lampião) pela volante (polícia) a guardiã dos grandes proprietários de terras. O narrador retrata o sofrimento, o desprezo sofrido pelo protagonista, que após ter procurado a justiça dentro da legalidade e de direito, sente-se vitimado por um tratamento desigual e inoperante (“justiça pela metade” verso VII) para com os oprimidos e/ou marginalizados. Assim sendo, Lampião busca fazer sua própria justiça, criando e aplicando sua própria “lei”. Por outro lado, o cangaço surgiu como alternativa para a realização deste feito, (“mas não por sua vontade”), como frisou o narrador no verso X.

E aquele jovem ferido  
 Quis fazer revolução  
 E começou sua luta  
 Com uma pistola na mão;  
 Logo em seguida adotou  
 O nome de Lampião.

**(Lampião e Padre Cícero num debate inteligente, 2004, estrofe XIX)**

Percebe-se mais uma vez, no ponto de vista da narração, o sofrimento vivenciado pelo personagem da narrativa, justificando nesse sentido, o motivo de sua revolução. Percebe-se também, no discurso do narrador, que o protagonista depara-se com a necessidade de se encontrar meios para que os culpados sejam punidos pela morte de seu pai, até então, sem nenhuma condenação. Assim, como demonstração de seu descontentamento, o personagem protagonista abstém-se do próprio nome, denotando sua insatisfação como o meio que o cerca, com a sociedade injusta onde a própria identidade lhe causa transtornos. Assim, com o nome de Lampião o personagem adquire uma nova identidade, deixa de ser apenas um homem simples para se tornar líder, guerreiro e lutador na busca pela justiça, dentro de uma sociedade injusta.



Por ser uma obra feita  
à luz da verdade viva,  
mostra a face nobre, humana  
e até caritativa  
de lampião, se tornando  
a menos repetitiva.

---

Com moedas de tostões,  
De dois tostões e cruzados  
Lampião fazia o bem  
A muitos necessitados  
Principalmente aos mendigos,  
Aos cegos e aos aleijados.

**(Lampião, o capitão do cangaço, p. 27)**

Nota-se nas estrofes acima o discurso do narrador representando o protagonista como um homem prestativo e caridoso para com os mais pobres. O narrador, nesse sentido, enaltece o lado humano do personagem, ao relatar as proezas realizadas pelo mesmo em favor de pessoas indefesas e excluídas pela sociedade. O narrador ao afirmar, nos versos de III a IV que: “Lampião fazia o bem”; “aos necessitados”; “aos mendigos”; “aos cegos e aos aleijados”, apresenta ao leitor, a existência de um herói, retratado a partir dos feitos realizados pelo protagonista. Lampião, desse modo, assume o papel de herói do povo sertanejo, pois com o dinheiro tirado dos ricos, ajuda aos pobres e marginalizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos, ao longo deste trabalho, a importância da literatura de cordel enquanto expressão cultural e de reflexão social, se revelando como fonte de informação e divulgação de acontecimentos políticos e econômico-sociais inerentes à vida do povo nordestino. De modo bem específico, nossa pesquisa foi norteada pela análise literária em folhetos de cordel, tendo como enfoque a temática social do Cangaço e a vida de Lampião, que se tornou herói do povo sertanejo e, por isso, foi imortalizado pelos cordelistas.

Por outro lado, destacamos nesta análise a existência de um discurso contraditório proveniente de outra esfera da sociedade que criminaliza todas as ações praticadas pelo personagem Lampião. Para tanto, foram fundamentais as concepções da crítica literária sociologicamente orientada, apresentada por Cândido (2010). Dessa forma, evidenciamos em nossa pesquisa um conflito das vozes nos folhetos de cordel, que constroem uma significação polarizada – ora representando Lampião como criminoso, ora como herói nos contextos sociais de opressão do Estado Brasileiro.

Este trabalho assume uma relevância acadêmica e social, pois o aprofundamento deste tema permite-nos compreender como era o comportamento de indivíduos, das camadas populares como era Lampião, ao enfrentar, numa atitude de resistência, as injustiças sociais que permeavam seu contexto histórico e perduram até os dias atuais. A literatura de cordel possibilita-nos, portanto, a abertura de novos caminhos que podem ser utilizados como instrumento de denúncias e socialização do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ACOPIARA, Moreira de. **Lampião e Padre Cícero num debate inteligente**. 2 ed. Campina Grande-PB, 2004. [S.N.]. (Cordel).

BRAIT, Beth, 1948 – **A personagem**. – 8. ed. – São Paulo: Ática 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CRUZ, M. R. L. **A história do cordel**. [S. 1.], 2003. Folheto de cordel.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. – 2. Ed. 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GANCHO, Cândida Vilares. A narrativa literária. In: **Como analisar narrativas**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOTHE, Flávio René, 1946 – **O herói**. – 1. Ed. – São Paulo: Ática 1985.

MONTEIRO, Manoel. **Lampião... era o cavalo do tempo atrás da besta da vida**.

PACHECO, José. **A chegada de Lampião no Céu**. Bezerros – PE, 1997. [S.N.]. (Cordel).

\_\_\_\_\_. **A chegada de Lampião no Inferno**. [S.L: S.N., 19\_\_?]. (Cordel).

PINHEIRO, Hélder e LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula** – São Paulo: Duas Cidades, 2001. – (Coleção literatura e ensino; 2)

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção...**[et al.]. - 11. Ed. - São Paulo: Perspectiva, 2005. - (Debates ; 001 / dirigida por J. Guinsburg)

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Lampião: o Capitão do Cangaço**. Mossoró – RN, 2007.

**Cordel On-line. O verso colado na Notícia**. Disponível em: <<http://cordelonline.com.br/>> acesso em: 18/02/13.

**O que é Cordel?** Disponível em: <[http://www.projetocordel.com.br/o\\_que\\_e\\_cordel.htm](http://www.projetocordel.com.br/o_que_e_cordel.htm)> acesso em: 19/02/13.

# **ANEXOS**

**ANEXO A: Imagens de cordéis utilizados na análise de nossa pesquisa**

